

Gerald
Thomas

DESENHOS para amanhã e depois



Apresentação: Ronald Polito

Posfácio: Jardel Dias Cavalcanti



GALILEU EDIÇÕES

GERALD THOMAS

**DESENHOS PARA AMANHÃ
E DEPOIS**

Apresentação: Ronald Polito

Posfácio: Jardel Dias Cavalcanti



GALILEU EDIÇÕES

LONDRINA, 2019

APRESENTAÇÃO:

AMANHÃ E DEPOIS

Ronald Polito

10 DESENHOS

Gerald Thomas

POSFÁCIO:

GERALD THOMAS: ALÉM DE QUALQUER SUPERFÍCIE

Jardel Dias Cavalcanti

LEGENDAS DAS OBRAS



De agora em diante
às dores todas escancaro esta alma.
As sensações da espécie humana em peso,
quero-as dentro de mim; seus bens, seus males
mais atrozes, mais íntimos, se entranhem
aqui onde à vontade a minha mente
os abrace, os tateie; assim me torno
eu próprio a humanidade.

(*Fausto*. Goethe)

APRESENTAÇÃO

AMANHÃ E DEPOIS

Talvez o que mais incomode nessa pequena mostra de desenhos de Gerald Thomas não seja o fato de eles serem absolutamente atuais, porque isso seria óbvio. Mas a percepção de serem apresentações do futuro. Esses desenhos são para amanhã e além enquanto as variadas aglomerações do terror do presente ainda se encontrem em expansão, ameaçando toda forma do bom senso, toda possibilidade razoável da vida humana. São, então, premonitórios de um estado de coisas, o domínio do retrogresso, da intolerância, da extrema violência dos donos do mundo. Eles põem na ordem do dia aquela observação nada sutil de Joaquim Felício dos Santos do tão próximo ano de 1868: “A linguagem do despotismo tem certa força e energia, que não será fácil imitar”. Em duas palavras, eles estão falando de império e imperiosidade.

Espancada a beleza (essa devassa), os recursos de resiliência são manchas, garatujas, gambiarras, rasuras, arranhados, esfolados, borrões, espirros, escarros, fluidos, genitálias autoritárias e sangue, muito sangue. Nunca

suficiente para a falange avassaladora de vampiros de terno, coturno e gravata à volta. Dores esquartejadas por dólares. Os textos que muitas vezes acompanham esses pós-cartuns não deixam margem a dúvidas: “Third word – first word mouth to mouth resuscitation”. Note-se: não é legenda a “explicar” a imagem, mas contraponto que explicita o cinismo. Nada de boca a boca, mas sofreguidão com que a primeiro mundo, esse velho e moderníssimo Midas, pode de seu trono sorver tudo, incluindo o vômito e o sangue dos miseráveis, se for possível transformá-los em cifras. E sempre é.

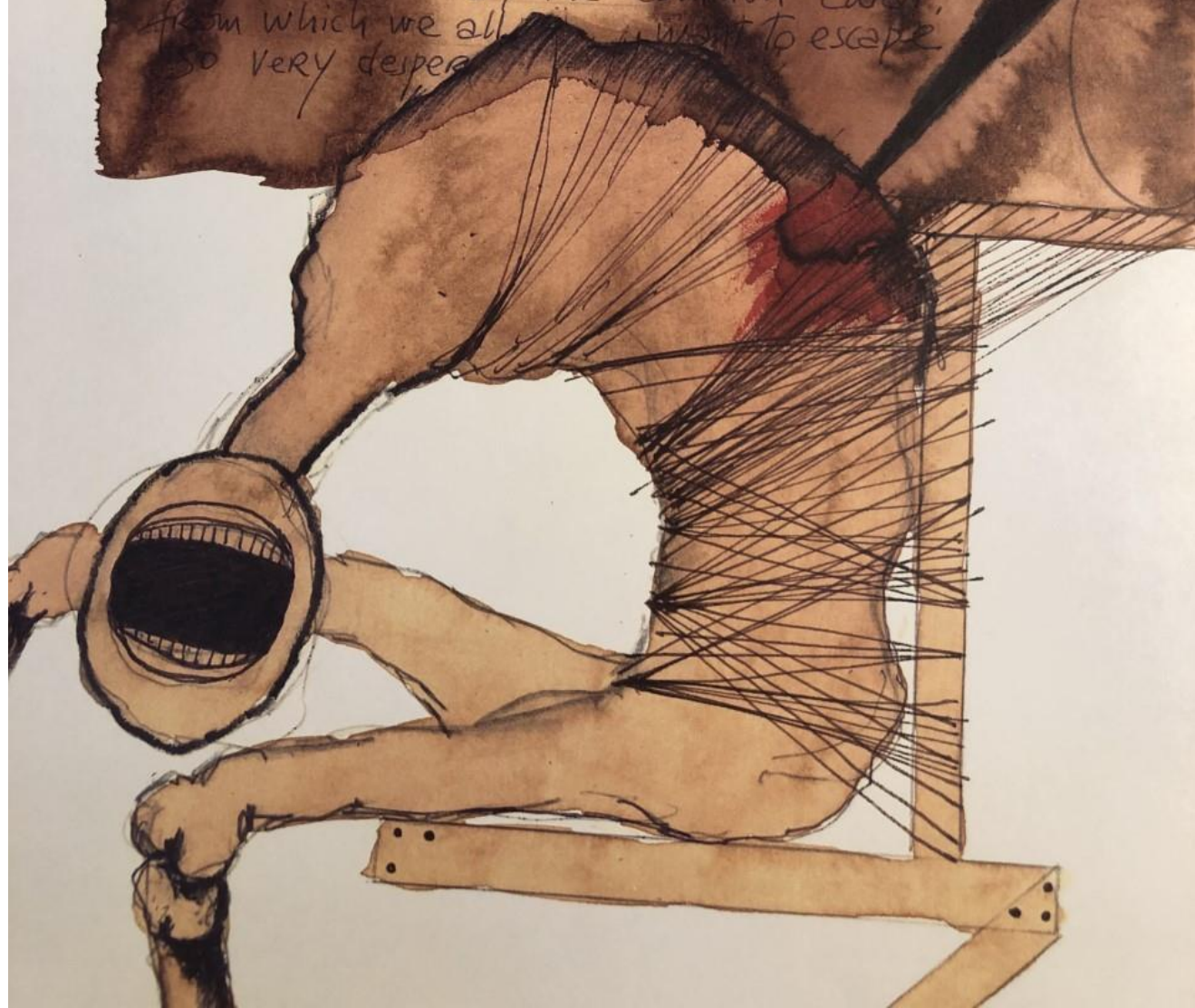
Amarrar bem Francis Bacon, escangalhar o guarda-chuva de Beckett, torturar tubarões para além do espetáculo de Spielberg e Hirst: pequenas práticas para elucidar o aniquilamento. É preciso, sobretudo, esclarecer a escuridão em que nos meteram sem preservativos, sem lubrificantes. Anjos, hoje, são Ícaros. Mas atenção: não o grotesco com seu niilismo. Ainda que útil, entregar-se a ele seria capitular, o que tanto desejam nossos algozes. É o bizarro, o ex-cêntrico, o esquisito que pode nos orientar entre ciclones e maremotos com que os jornais batizam nosso café da manhã. De amanhã.

Ronald Polito

DESENHOS

GERALD THOMAS

Nothing is esteemed a miracle if it
EVER HAPPENED in a common course of
NATURE. IT IS NO MIRACLE THAT A MAN
— seemingly in good health — SHOULD DIE
on a sudden; because such kind a kind
of DEATH, though more unusual than
any other, has yet been frequently
OBSERVED to happen. But it is a MIRACLE,
that a Dead man should come to Life:
I don't believe in MIRACLES; we do
believe in Life. Death, however, is,
or seems to be, The common Goal,
from which we all want to escape,
so very desperate.





Third world - first world mouth to mouth resuscitation



(K16) 16 DEC (2)

WONDERFUL AND POWERFUL PRODUCTION OF CAESAR

THIS WAS DRAWN YEARS BEFORE I SAW BRANKO BREVIKT



COINCIDENCES HAPPEN IN CROACHA
YES, THEY DO HAPPEN IN CROACHA

So, Ariel ended up like up like this, after being fired and no longer being able to collect unemployment GT DEC02



And this is

how the BRITISH TABLOIDS ARE MADE

GETAWHINK © LONDON 19 APR 03



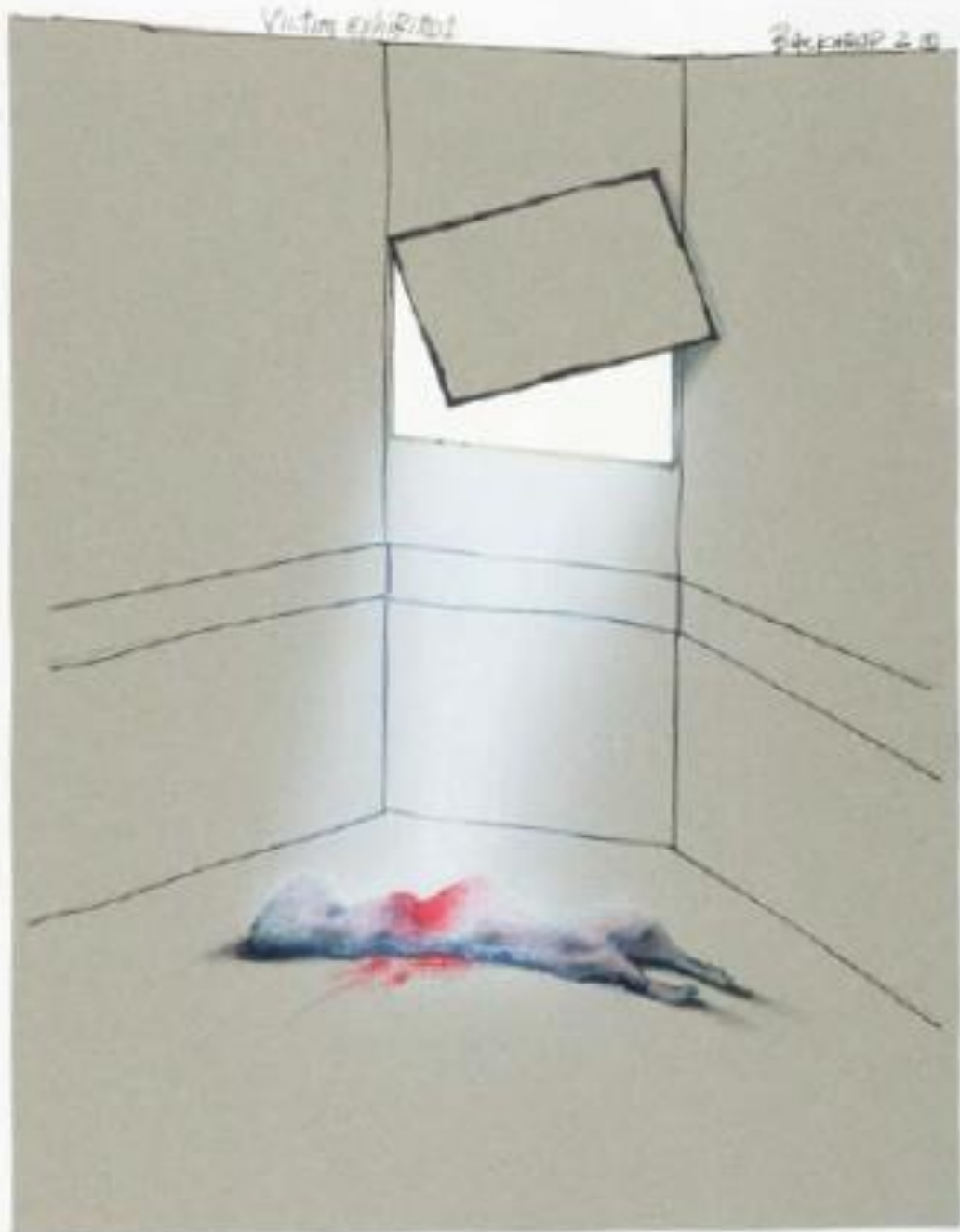
"SCRATCHING THE SURFACE OF THE GROUND"
© LORRAINE PIERCE 1994





Victim exhibit

SEP 20 2 10





POSFÁCIO

GERALD THOMAS: ALÉM DE QUALQUER SUPERFÍCIE

Gerald Thomas sempre se dedicou a criar desenhos e ilustrações, coloridos ou em preto e branco, alguns como notas de projetos, outros para cartazes de suas peças e para capas de revistas ou para publicação no *The New York Times* ou *Vanity Fair* etc.

A união da beleza e do horror é possível? - Uma beleza que, sendo arte, não dispensa o pavor é o que Gerald Thomas cria em seus desenhos e pinturas. Manchas de sangue, deformidade corporal, feridas abertas, gargantas escancaradas em vômitos verdes ou vermelhos, figuração humana grotesca como bestas num circo de horrores, arquitetura absurda, objetos já sem função e carcomidos pela ferrugem e animais aprisionados. Um mundo de imagens para lá de temíveis. As gangrenas do homem e do seu mundo em carne viva.

Não é diferente do que sempre vemos nas peças do dramaturgo. E não podemos pensar o artista dividido entre uma atividade e outra: artes plásticas e teatro. A plástica de seu teatro é criada como pintura, na qual luzes e sombras, corpos e gestos, gritos e murmúrios compõem esse mesmo circo de horrores. Sua música, na mesma medida, dramatiza, ao máximo, essa plástica. E a preparação de uma cena pode antes ser um desenho, como também um desenho pode ser o resultado de uma cena. E um desenho pode vir a fazer parte do cenário.

Se existe uma arte total (sonhada por Wagner), existe também o artista total, que é o caso de Gerald Thomas, que desenha, pinta, compõe, encena, ilumina e escreve. Pensa tudo ao mesmo

tempo, e para isso precisa fazer uma arte que abranja todos os seus gêneros e os conecte.

O caso de Gerald Thomas não é raro, quando sabemos das experiências de desenhos e manchas criados por Victor Hugo (que também misturava tinta e café para desenhar), ou os desenhos de Henri Michaux, para quem o material de desenho e pintura era tão importante em sua mesa quanto o caderno de anotações de seus textos. Também os cineastas Sergei Eisenstein e Akira Kurosawa, entre outros, faziam da obra plástica o preparo para seus trabalhos cinematográficos. Em todos esses casos, o desenho, a pintura e a ilustração ganham vida própria, respirando com enorme potência, para além de sua função inicial.

Os desenhos criados por Gerald Thomas conseguem unir vários universos artísticos sem perder o seu poder expressivo, motivo que prende imediatamente o espectador: de uma figuração que faz pensar em Rauschenberg e outros artistas da *Pop Art*, às cores penetrantes da pintura e o desenho seguro que indicam, por vezes, uma proximidade com a arte dramática de Philip Guston, passando pelos terrores do cinema e da pintura expressionistas, até o deformador de corpos (e da pintura) que foi Francis Bacon. E não podemos deixar de mencionar Saul Steinberg, que talvez seja, no que diz respeito aos desenhos para *The New York Times*, a influência mais marcante.

O material usado para a criação dos desenhos e ilustrações, do ponto de vista técnico (e por que não também da expressão?), são tinta nanquim, café, lápis de cor aquarelado, caneta, bico de pena, tinta; usados sobre papel canson, Fabriano, cartolina, Schoeller e papel de caderno escolar. Além do desenho, aparecem nas composições, aqui ou ali, algumas colagens como as de recortes de jornal, palavras, band-aid.

Gerald Thomas provém de uma tradição de vanguarda, portanto não se pode interpretar de forma fácil seu trabalho. Se assim o fizéssemos estaríamos negando o próprio princípio de uma arte que não se dobra ao realismo fácil, à narrativa clara, ao entendimento óbvio. Aproveitando o acaso das manchas de café, ou rabiscando uma linha sem muito sentido inicial, depois desdobrando tudo isso sob a forma de cores também jogadas sem muito controle, a obra aparece e se presentifica potencialmente.

Como artista à flor da pele, Gerald Thomas pretende com seus desenhos expor a “anarchy-orgy” deste mundo e seus próprios sentimentos sobre o mesmo. Nesse sentido, a representação do tubarão se torna aqui uma das figuras mais importantes na galeria de seus desenhos. Reaparecendo inúmeras vezes, o tubarão está sempre amarrado, machucado, afogado em um copo de água, ao lado de uma crucificação, sangrando ou enfaixado. Encarnação, talvez, da figura do artista, o tubarão é força quando habitante das profundidades e, deslocado de seu universo marítimo, torna-se um ser frágil.

Como obras que destilam as agruras do mundo contemporâneo, sua força não está propriamente no que representa, mas na forma com que representa. Exemplo é a obra “E é assim que os tabloides britânicos são feitos”, de 2003, em que uma vagina explode em respingos de sangue, sobre uma perna aberta e escancarada ao máximo de sua flexibilidade, em que ainda aparece a inscrição “anarchy orgy”. Retrato de uma época que se consome na sede e no gosto pela violência, perversão que alimenta milionários impérios midiáticos sadomasoquistas. Para dizer isso, Gerald Thomas usa recursos mínimos, bastando o contorno das pernas pela caneta, as cores vibrantes que misturam café e lápis aquarelado na agressiva violência do sexo feminino jorrando sangue, e na colagem, sob o desenho, de duas palavras. O impacto da imagem é brutal, pois quer chamar a atenção imperativamente para a prática sanguinária da

exploração dos instintos mais baixos do homem pela “cultura” perversa da mídia.

Apreender o mundo moderno com uma arte moderna, para Gerald Thomas, é fazer uma arte da crise: formas fragmentárias, estruturas estranhas e parodísticas, ambiguidades, ironia trágica. Uma arte para uma época fragmentada, doente e estranha deve necessariamente colocar as tripas desse mundo para fora.

Seus desenhos provam que o artista é quem consegue nadar até o fundo, sempre o mais profundo possível, descortinando o tempo dos “homens ocos”, denunciado por T. S. Eliot, e que não deixou de existir. E artistas, para não deixar esse mundo impune, também não deixam de existir.

Gerald Thomas é um desses artistas resistentes, tanto nos seus desenhos como no seu teatro, como nas suas reflexões, sempre além de qualquer superfície.

Jardel Dias Cavalcanti

LEGENDAS DAS OBRAS

- 1- Sem título. Café, caneta esferográfica, Caran D´Arche e nanquim preto s/ papel Fabriano. 1.2mx60 cm. Londres, 2003.
- 2- Sem título. Café, caneta esferográfica, Caran D´Arche e nanquim preto s/ papel Fabriano. 40x30cm. Londres, 2003.
- 3- Série *Império das Meias Verdades*, Third World, 1993. Lápis e pigmento sobre papel.
- 4- *Wonderful and Powerful*. Production of Ceasar, caderno de anotações de Júlio César, 2002. Lápis, caneta e café sobre papel.
- 5- *Missiles on Broadway*, caderno de anotações, década de 70. Acrílico e lápis aquarelado branco sobre papel.
- 6- *And this i show the british tabloids are made*, 2003. Caneta marcador, lápis aquarelado dissolvido em café e recorte de jornal sobre papel.
- 7- *Scratching the surfasse of the ground*, 2003. Lápis e café sobre folha de caderno Fabriano, 70x100cm.
- 8- Sem título. Nanquim, caneta hidrográfica, verniz fosco, aerógrafo, legal pad sobre papel Canson. Desenho usado no cartaz da ópera *Raw War*, 1999.
- 9- *Victim Exhibit*. Tinta acrílica branca em aerógrafo. Lápis aquarelado branco e pigmento vermelho sobre papel cinza. 2005. Parte do cenário da peça Um circo de rins e fígados. É o instituto médico legal.
- 10- Sem Título. Nanquim, lápis, pigmento vermelho e café sobre papel Schoeller. 2003. 73x102cm.

NOTA: O posfácio aqui publicado é, com algumas alterações, um texto inicialmente publicado no site digestivocultural.com, intitulado “Gerald Thomas: arranhando a superfície do fundo”, em 26/02/2013.

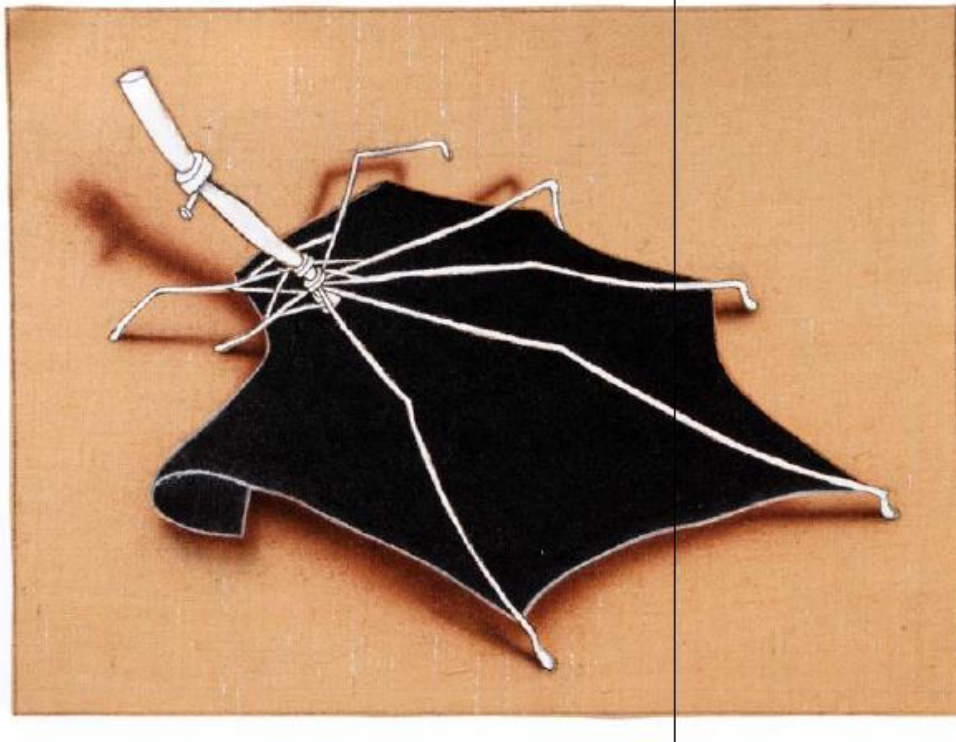
IMAGEM DA CAPA E DA ÚLTIMA CAPA:

STURMPIEL. caderno de anotações para desenho a ser usado na peça *Sturmpiel*, 2002. Lápis e café sobre papel.

AFTER THE RAIN. Tinta óleo preta, branca e marrom sobre tela. Pintura usada no cartaz da peça *Trilogia Beckett*, em 1985, e na capa do livro *Nada Prova Nada*, em 2011.



Edição publicada por
Jardel Dias Cavalcanti
para GALILEU EDIÇÕES
Londrina, setembro de 2019.



Eu vejo o mundo de forma
fragmentada, torturada e num
hiato entre holocaustos.

Nada prova nada!
Gerald Thomas